

EDUCAÇÃO SEXUAL E MUDANÇAS SOCIAIS NA PÁGINA QUEBRANDO O TABU E NA SÉRIE SEX EDUCATION

Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva Meira (UERN)
guianezasaraiva@uern.br

RESUMO

A Educação Sexual, em linhas gerais, pode ser conceituada como uma orientação acerca da atividade sexual e tudo que está imbricado nela, como, por exemplo, sexualidade, métodos contraceptivos, Infecções Sexualmente Transmissíveis, masturbação e orgasmo. Partindo dessa premissa, é válido frisar que essa temática sempre foi alvo de polêmicas, controvérsias e imbuída de tabus, permitindo a afirmação de que esta não acompanhou as mudanças sociais, defendidas por Fairclough (2008). Nesse contexto, esta palestra tem como objetivo analisar como as postagens na página do *instagram Quebrando o tabu* e a série da *Netflix Sex Education* discutem questões relativas à Educação Sexual, com foco no aborto, nas relações homoafetivas e no assédio sexual. Paralelo a isso, objetiva contribuir para os estudos críticos do discurso, assim como para os estudos do gênero (*gender*). Teoricamente, ancoro-me nos postulados de Fairclough (2008), Wodak (2004), Dijk (2008), bem como pesquisadores nacionais que tenham como foco de pesquisa o discurso. Ademais, recorro ao arcabouço teórico de Del Priore (2013), Butler (2010) e Meira (2012; 2016; 2019) para discutir questões relativas ao feminismo. O *corpus* compõe-se de três postagens da página *Quebrando o tabu* e de três discursos da série *Sex Education*, cuja escolha dar-se-á a partir dos recortes temáticos supracitados. Os resultados indicam que, na Modernidade Recente, a polêmica em torno da Educação Sexual tem se intensificado, haja vista circular o discurso de ser papel apenas da família a orientação de adolescentes e jovens. Todavia, por alguns anos, essa discussão também foi contemplada nas escolas – públicas e privadas – em todo o Brasil. Deixo, então, como problemática para esta palestra: A quem compete a Educação Sexual dos adolescentes e jovens do nosso país?

Palavras-chave:

Sex Education. Educação Sexual.
Quebrando o tabu. Análise Crítica do Discurso.

ABSTRACT

Sex Education, in general, should be conceptualized as an orientation concerning sexual activity and all things that are involved in it, such as, sexuality, contraceptive methods, Sexually Transmitted Infections, masturbation and orgasm. Based on this premise, it is important emphasizing that this issue has always been the subject of polemic controversy and imbued with taboos, allowing to claim that it did not follow the social changes, defended by Fairclough (2008). In this context, this lecture aims at analyzing how the posts on the *instagram page Quebrando o Tabu* (Breaking the taboo) and the *Netflix Sex Education TV Show* discuss issues related to Sex Education, focusing on abortion, homosexual relationships and sexual harassment. Parallel to this, it aims at contributing to critical discourse studies, as well as gender studies. Theoretically, this study is based on Fairclough's (2008), Wodak's (2004), Dijk's

(2008) postulates, as well as on Brazilian researchers whose studies are focussed on the discourse. Furthermore, I use the theoretical framework of Del Priore (2013), Butler (2010) and Meira (2012, 2016, 2019) to discuss issues related to feminism. The corpus consists of three posts on the page *Quebrando o Tabu* (Breaking the taboo) and three speeches from the Sex Education TV Show, whose choicing will be made from the mentioned thematic cutouts. The results show that, in Recent Modernity, the controversy concerning Sexual Education has intensified, once there is a speech/discourse among people that it is only the role of the family to educate adolescents and young people. However, for some years, this discussion was also part of the schools dabates – be it public or private institutions - throughout Brazil. I will leave, then, as problematic question for this lecture: Who is responsible for the sexual education of adolescents and young people in our country?

Keywords:

Sex Education. Sexual Education.

Breaking the taboo. Critical Discourse Analysis.

1. Considerações introdutórias

A Educação sexual – e suas implicações – tem gerado polêmicas há muitas décadas no Brasil. Devido ao severo sistema patriarcal, falar, de forma mais aberta, sobre sexo, sexualidade, Infecções Sexualmente Transmissíveis, orgasmo, aborto e abuso sexual passou a ser alvo de críticas e preconceitos, contribuindo para a cristalização de tabus, mesmo que estejamos em uma sociedade que é caracterizada como pós-moderna. Prova disso, são os índices alarmantes de gravidez precoce, repressão sexual em casa e na escola, abortos em clínicas clandestinas e traumas provenientes de violência sexual, ocorrida, na maioria das vezes, no seio familiar.

Nesse viés, este trabalho tem como objetivo analisar como as postagens na página do *Instagram Quebrando o tabu* e a série da *Netflix Sex Education* discutem questões relativas à Educação Sexual, com foco no aborto, nas relações homoafetivas e no assédio sexual. Para isso, recorro aos postulados de Fairclough (2008), Wodak (2004), Dijk (2008), bem como a pesquisadores nacionais que tenham como foco de pesquisa o discurso e as mudanças sociais. Ademais, ancoro-me no arcabouço teórico de Del Priore (2013), Butler (2010) e Meira (2012, 2016, 2019) para discutir sobre o feminismo.

No que diz respeito às questões metodológicas, é relevante frisar que o *corpus* é constituído por três postagens da página *Quebrando o tabu* e por três diálogos na série *Sex Education*, que, por sua vez, versam sobre aborto, relações homoafetivas e assédio sexual. A escolha das

temáticas supracitadas se justifica pela recorrência, seja na rede social, seja nos episódios da série, além da importância destas para os estudos de gênero (*gender*) na contemporaneidade.

Em síntese, espero promover a reflexão sobre a importância da Educação Sexual para adolescentes e jovens. Ademais, vislumbro contemplar, nesta discussão, o papel da família, da escola e das mídias – televisivas e digitais – nesse processo de orientação, embora haja discordâncias quanto aos métodos adotados pelas duas últimas instâncias. Intenciono, ainda, sugerir a ruptura de rótulos que “engessam” a igualdade dos direitos femininos, bem como a quebra de tabus arraigados às temáticas em pauta.

1. Tradições e Mudanças sociais sob a ótica da Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso – doravante ACD – é uma área do conhecimento relativamente nova, que, na visão de Van Dijk (2008, p. 113), trata-se de um tipo de investigação “analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político”. Precipuamente, destaco que os primeiros estudos datam 1991, quando ocorreu um simpósio, em Amsterdã, reunindo pesquisadores que se tornaram referências internacionais na área, dentre os quais destaco, para este trabalho, Norman Fairclough e Teun van Dijk. Em âmbito nacional, inúmeros pesquisadores têm contribuído para a disseminação da ACD, como Isabel Magalhães, Denize Elena Garcia, Décio Bessa, Viviane Resende, Viviane Ramalho, Célia Magalhães e Cleide Pedrosa¹.

¹ Precursora da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso. Trata-se de uma teoria, desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Universidade Federal de Sergipe, sob o propósito de contribuir com os estudos discursivos no Brasil. Meira (2016) explica que o desenvolvimento de uma nova abordagem não implica na insuficiência de teorias já existentes. Entretanto, os estudiosos da ASCD afirmam que “fazer pesquisa é buscar novas possibilidades de análises; é combinar teorias já existentes; é expandir e contribuir com os estudos discursivos e, acima de tudo, comprovar que, ao analisar o discurso, podemos verificar tanto a materialidade linguística quanto o respaldo social e comunicacional deste” (MEIRA, 2016, p. 40).

Por assumir uma perspectiva transdisciplinar, compreendo que é necessário, para iniciar este diálogo, trazer à tona as noções, ainda que sucintas, de discurso, de tradição, de mudanças sociais e de relações de poder, por serem pilares da Análise Crítica do Discurso e por se constituírem como fundamentais para a tessitura deste trabalho.

Recorrendo, então, às premissas de Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 36, tradução minha), reitero que “o conceito de discurso pode ser compreendido com uma perspectiva particular nas várias formas de semiose, consideradas como momentos de práticas sociais em suas articulações com outros momentos não discursivos”. Em outras palavras, “é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significado do mundo, constituindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 95), e, ainda, “cada discurso é historicamente produzido e interpretado; está situado no tempo e no espaço” (WODAK, 2004, p. 225).

Paralelo a isso, julgo pertinente explicitar que o conceito de tradição é tão relevante nesta discussão quanto o de mudança social, haja vista a Educação Sexual, na visão de muitos indivíduos, deva ser pautada com base no conservadorismo, recorrendo a hábitos pacatos e recatados, dentro daquilo que é considerado saudável e normatizado pelos princípios e pelos valores sociais. Sobre isso, Sztompka (2005) explica que a tradição é a sabedoria das gerações, pois ela coloca ao nosso alcance as normas, as crenças, os valores e os objetos criados no passado, isso porque as pessoas não podem construir a vida social a partir do nada; planejar tudo como se fosse a primeira vez. Logo, a tradição nos fornece elementos construtivos semiacabados, possibilitando moldar nosso “mundo” à nossa maneira (MEIRA, 2016).

Quanto à mudança social, Fairclough (2008, p.127) salienta que “a ocorrência de mudança vai envolver não somente a adaptação de convenções já existentes, mas também as formas de transgredi-las, o cruzar das fronteiras, relacionadas às novas combinações e a sua exploração, decorrente da capacidade de atuar ou de agir” das pessoas. Ampliando essa discussão, Bajoit (2008) indica que a mudança sociocultural² é vista como

² Entendemos que, ao ocorrer mudança social, ocorre também mudança cultural, visto que os modelos culturais são transformados mediante as transformações da sociedade. Assim, adotamos em Meira (2012, 2016) a ambivalência desses termos e mantemos aqui neste trabalho.

[...] a modificação de um estado das relações sociais; mudança das ações pelas quais se resolvem os problemas vitais da vida comum; mudança dos princípios de sentido invocados para legitimar essas co-ações; mudança das identidades coletivas que resultam da prática das relações sociais; mudança das lógicas de gestão de si, pelas quais os indivíduos resolvem as tensões que atravessam essas identidades coletivas e constroem suas identidades pessoais; e, finalmente, mudança das lógicas de ação com que se comprometem, individualmente ou coletivamente. (BAJOIT, 2008, p. 252)

Como se vê, as mudanças sociais são inerentes às relações humanas e, por esse motivo, são essenciais para as investigações nas Ciências Humanas e Sociais e, por assumir caráter transdisciplinar³, conforme já mencionado, dialoga com as Ciências da Linguagem. Nesse ínterim, é conveniente salientar que este trabalho centra foco nas mudanças socio-culturais provenientes da discussão acerca da Educação Sexual, levando em consideração os papéis sociais que determinadas instituições assumem, dentre as quais destacamos a Família, a Escola e a Mídia.

Todavia, antes de adentrar na pauta supracitada, entendo que é substancial discorrer, de forma sumária, as noções de poder. Isso porque são perceptíveis as relações de poder que as instituições exercem sobre os indivíduos. A respeito disso, Dijk (2008, p. 118), ratifica que “os grupos dominados podem consentir, aceitar, legitimar, acatar ou resistir a esse poder e, até mesmo, achá-lo natural. Assim, o poder dos dominantes pode estar associado às leis, às regras, às normas, aos hábitos”, assumindo, assim, o que conhecemos, na ACD, por hegemonia.

Ainda sobre as relações de poder, Meira (2016), com base em Dijk (2008), esclarece que

[...] na perspectiva da ACD, o controle da mente envolve mais do que a aquisição de crenças, valores e símbolos através do discurso e da comunicação. Em primeiro lugar, os receptores estão propensos a aceitar crenças, opiniões e conhecimentos através do discurso (re) produzido por aqueles que são considerados fontes confiáveis, como, por exemplo, peritos, acadêmicos, profissionais, como também, os meios de comunicação que têm credibilidade no meio social. Em segundo lugar, em alguns momentos, os participantes atuam como receptor do discurso, como ocorre, por exemplo, na educação e em outros contextos trabalhistas. Em terceiro lugar, em

³ Segundo Chouliarakí e Fairclough (1999), o termo transdisciplinaridade expressa uma característica marcante da Análise Crítica do Discurso, uma vez que traz uma variedade de teorias ao diálogo, especialmente teorias sociais, por um lado, e teorias linguísticas, por outro. Neste trabalho, recorreremos aos postulados da Sociologia, da História, da Comunicação e do Discurso.

muitas situações, não existem discursos públicos ou meios de comunicação que possam fornecer a informação da qual possam ser derivadas crenças alternativas. Em quarto lugar, esses receptores podem não possuir as crenças necessárias e o conhecimento para questionar o discurso ou a informação a que estão expostos (MEIRA, 2016, p. 61)

Mediante ao que foi apresentado, é possível inferir que a Educação Sexual gera polêmicas e controvérsias porque as relações de poder que a Escola e a Mídia exercem sobre os indivíduos são notórias, tendo em vista que, ao veicularem informações, seja em um contexto escolar, seja em meio impresso ou digital, as ideias que ali circulam estão imbuídas de ideologias, corroborando para o processo de formação das identidades individuais e coletivas. Por serem consideradas fontes críveis, adolescentes e jovens buscam informações nos diversos meios de comunicação e também consultam funcionários da educação, sob a prerrogativa de atenuarem as inúmeras crises existenciais, tão características da puberdade e, muitas vezes, não compreendidas pelos pais ou pelos responsáveis.

2. *A quem compete a Educação Sexual dos adolescentes e dos jovens brasileiros?*

Em meio a tantas represálias e tabus, o acesso à informação sobre sexo e sexualidade tem sido, cada vez mais, rotulado como problemático. Um dos motivos para esse estereótipo está na inserção da mulher no mercado de trabalho (DEL PRIORE, 2013), fazendo com que a ausência dos pais venha a incidir em um maior distanciamento entre pais e filhos, um tempo menor para os diálogos cotidianos e, conseqüentemente, o desenvolvimento natural de uma autonomia dos filhos na busca por conhecimento. Nesse cenário, a educação sexual de adolescentes e de jovens passou a ser rediscutida, haja vista, na pós-modernidade, as instituições escolares e a mídia passarem a desenvolver uma função paralela nessa atividade. Então, emerge um questionamento: A Educação Sexual é papel exclusivo da família?

É sabido que inúmeras pesquisas foram divulgadas constatando que os adolescentes e os jovens, quando estão no período da puberdade, apresentam muitas dúvidas e, de forma concomitante, um mix de vergonha, medo e curiosidade. Destoante disso, o conservadorismo social deixou algumas heranças que dificultaram, ainda mais, o acesso à informação, como, por exemplo, as expressões: “pergunte a sua mãe/ a seu pai”, “você ainda não tem idade para saber dessas coisas!”, “onde você

ouviu falar sobre isso?”, “isso não é coisa de moça decente!”, dentre muitos outros discursos que cerceiam o entendimento sobre o próprio corpo, os hormônios e os desejos.

Com a expansão do número de mulheres trabalhando fora, outras instâncias passaram a assumir um importante papel no processo de Educação Sexual, dentre elas a escola, que, por sua vez, passou a ser uma “peça chave”, haja vista a formação complementar de crianças, adolescentes e jovens ser um dos pilares da educação em nosso país. Nessa perspectiva, professores, coordenadores, psicólogos e enfermeiros passaram a atuar em instituições públicas e privadas, disseminando informações e atenuando dúvidas. São palestras, aulas sobre o corpo humano – com ênfase no aparelho reprodutor –, exposição de métodos contraceptivos, entrega de cartilhas e panfletos, debates e várias outras metodologias aplicadas no ensino, levando em consideração, sempre, a faixa etária dos discentes.

Ainda acerca do papel da escola, é vital endossar que a Educação Sexual é pautada nos preceitos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC⁴. Esta, por sua vez, prevê que conteúdos voltados para “Mecanismos reprodutivos e sexualidade” sejam contemplados no oitavo ano, do Ensino Fundamental, no Componente Curricular *Ciências*. Vejamos, então, as habilidades que norteiam o documento em pauta:

- a) analisar e explicar as transformações que ocorrem na **puberdade** considerando a **atuação dos hormônios sexuais** e do sistema nervoso.
- b) comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos **métodos contraceptivos** e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à **prevenção da gravidez precoce e indesejada** e de **Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)**.
- c) identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas **DST** (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e **métodos de prevenção**.
- d) selecionar argumentos que evidenciem as **múltiplas dimensões da sexualidade humana** (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (BNCC, 2017, grifos meus).

Sob essa ótica, é visível que a escola tem papel fundamental na Educação Sexual, embora tenha se disseminado, recentemente, discursos e posturas que sejam antagônicos a essa formação em âmbito escolar. Dentre esses discursos, destaco os pronunciamentos da Ministra Damares

⁴ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/ciencias-no-ensino-fundamental-anos-finais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>.

Alves⁵, principalmente os que versam sobre a identidade de gênero. Na visão dela, somente a concepção biológica é considerada, isto é, a teoria de Butler (2010), que afirma ser o gênero (*gender*) uma questão social, é refutada. Logo, a alínea “d”, do documento da BNCC outrora mencionado, é violada, tendo em vista que somente a dimensão biológica é aceita. Ao ferir esse princípio social, afetivo e ético, múltiplos transtornos afloram, principalmente os de orientação sexual.

Ainda sobre o papel da escola, é necessário sublinhar que algumas metodologias, utilizadas por professores e palestrantes, são duramente criticadas. A título de ilustração, menciono os conflitos existentes quando os pais tomam conhecimento sobre determinados métodos de ensino, dentre os quais se destacam a orientação sobre o uso correto da camisinha; as noções de como fazer “tabelinha” a partir do ciclo menstrual e, também, o uso de fotografias evidenciando órgãos genitais acometidos por Infecções Sexualmente Transmissíveis. Estas, e outras práticas, são vistas, por muitos pais, como uma espécie de transgressão aos valores, aos princípios e aos bons costumes perpassados no seio familiar. Logo, devido a uma “onda conservadora” que se perpetua no Brasil, tem se discutido, mais intensamente, se a escola deve mesmo abordar questões relativas ao sexo e à sexualidade.

No que tange ao papel da mídia, é interessante realçar que esta, por meio de filmes, séries, programas televisivos e postagens nas redes sociais, dissemina informações – algumas vezes de forma equivocada ou inadequada – aos adolescentes e aos jovens, que, na maioria das vezes, têm dúvidas quanto à atividade sexual e à própria sexualidade, mas, também, têm receio de tentar saná-las com parentes, seja por vergonha, seja por medo de repressões, oriundas do patriarcalismo e do conservadorismo social, conforme já mencionado. É de extrema importância mencionar que cresceu, surpreendentemente, as opções midiáticas que discutem a temática em pauta, como os populares filmes “American Pie”, “Garota dinamarquesa” e a trilogia “50 tons”; as séries “Toy boy”, “Vis a Vis”, “Sex Education”; o quadro com a sexóloga Laura Muller, no programa “Altas Horas” e as postagens nas redes sociais, que, cotidianamente, versam sobre diversidade sexual e homofobia.

⁵ Chefe do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, cujas áreas de atuação são: mulheres, pessoa com deficiência, pessoa idosa, família, juventude, crianças e adolescentes, igualdade étnico-racial e comissão de Anistia. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/pagina-inicial> Acesso em 05.04.2020.

Além disso, convém notabilizar que, na visão de Duarte (2005), as mulheres, por muitas décadas, sofreram mais com a cristalização dos tabus sexuais, por as condicionarem à situação de submissão ao parceiro, isto é, não tinham direito sobre o próprio corpo, como também não tinham direito ao orgasmo. Esse enraizamento cultural implicou em consequências negativas para o empoderamento feminino, dentre as quais se destacam a anulação do prazer e a ausência do autoconhecimento corporal. É importante endossar, ainda, que é indiscutível a perpetuação desses valores, tendo em vista o comportamento recatado de meninas em debates sobre masturbação, uso da camisinha feminina, Infecções Sexualmente Transmissíveis e orientação sexual.

Em face do que foi retratado, ratifico que a Família, a Escola e a Mídia assumem papéis específicos e essenciais na Educação Sexual de adolescentes e de jovens. Os discursos que circulam na sociedade justificam que a função macro dessa formação é da família, embora enquetes realizadas em revistas e em redes sociais indiquem que é por meio da mídia que os jovens sanam suas dúvidas, graças às mudanças tecnológicas, à era da modernização/globalização, à vida agitada, à urbanização e aos variados interesses que os indivíduos têm demonstrado. A respeito disso, Thompson (2011, p. 267) afirma que a mudança tecnológica foi primordial na história da transmissão cultural, porque “ela altera a base material, bem como os meios de produção e recepção, dos quais depende o processo de transmissão cultural. O desenvolvimento das novas tecnologias afetou, profundamente, nos últimos anos, as atividades das indústrias da mídia”. Em síntese, com a instalação de um novo sistema sociocultural, proveniente das tecnologias digitais, repensar a Educação Sexual é imprescindível.

3. *Tabus femininos na pós-modernidade: aborto, relações homoafetivas e assédio sexual*

Conforme já mencionado neste artigo, os tabus sociais são alvos constantes de discussão e, por conseguinte, é de grande interesse no cenário acadêmico. Por ser objeto de pesquisa desde a graduação⁶, centro

⁶ Sob a orientação da professora Dr^a Francisca Maria de Souza Ramos Lopes, defendi, em 2008, o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Linguagem e diversidade cultural: revistas femininas e a constituição identitária da mulher leitora” e, em 2011, o trabalho de especialização “(Re) descobrindo o mundo ‘rosa choque’: a emancipação feminina e as contribuições da revista *Claudia*”. Sob a orientação da professora Dr^a Cleide Emília Faye

foco no feminismo e na análise de como determinados discursos são produzidos, recebidos e como circulam nas práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2008). Por esse ângulo, inicio esta seção contextualizando os dois artefatos midiáticos escolhidos para compor as análises, a saber: a página do *instagram* *Quebrando o tabu* e a série da *Netflix* *Sex Education*, cuja justificativa se volta para a popularidade – número de seguidores e de avaliações positivas, por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, para a linguagem dinâmica, atualizada e acessível, bem como para a credibilidade dos meios citados.

A rede social do *instagram* *Quebrando o tabu* tem se popularizado velocemente. Prova disso é a quantidade de seguidores, que chega a 4,8 milhões. Acredito que um dos fatores que contribuem para a ascensão dessa página incide sobre a forma como determinadas temáticas são abordadas, além do uso de recursos que auxiliam no processo de concordância das ideias, como fotos, vídeos, memes, dentre outras manifestações imagéticas. Quanto à *Netflix* – plataforma televisiva de filmes, séries e documentários –, é primordial destacar que esta tem ganhado muitos adeptos no Brasil. Todavia, há uma diferença considerável entre os dois objetos de estudo deste texto, haja vista ser necessário pagar para ter uma conta e, assim, acessar aos conteúdos da *Netflix*; enquanto a conta no *instagram* é gratuita.

Feita a contextualização, defenderei, a seguir, a escolha dos três recortes temáticos para este trabalho: aborto, relações homoafetivas e assédio sexual. De início, pontuo que há uma reincidência nas postagens que contemplem estas temáticas na página *Quebrando o tabu*. Além disso, os três temas são abordados, satisfatoriamente, na série *Sex Education*, comprovando, portanto, a importância de se discutir sobre tais assuntos com adolescentes e jovens, por serem essenciais no processo de Educação Sexual.

Para fins de sistematização, irei discorrer, resumidamente, sobre cada tema e, em seguida, trazer a postagem da página *Quebrando o tabu* que foi escolhida para representar tal temática. Logo depois, analisarei o discurso da série *Sex Education*. Ambos serão analisados sob a ótica da Análise Crítica do Discurso e do feminismo, procurando compreender se

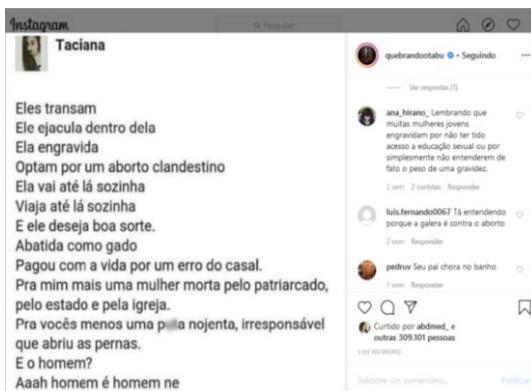
Pedrosa, em 2012, defendi a dissertação “Discurso de mudança e feminismo: estudo crítico da construção identitária feminina nas cartas do leitor da revista *Claudia*” e, em 2016, a tese “Permanências e rupturas nos discursos femininos: estudo crítico na *fanpage Claudia online*”.

há tradição ou mudança social, além de observar as relações de poder que a Família, a Escola e a Mídia exercem.

3.1. Aborto: direitos femininos, laicidade e mortes maternas

O aborto é considerado uma das temáticas mais polêmicas na sociedade, graças ao conservadorismo e ao número de religiosos em nosso país. Diante desse contexto, o número de mortes maternas, decorrentes de abortos clandestinos, aumentou de forma exponencial. Meira e Meira (2019)⁷ afirmam que as reformulações na lei de criminalização por prática abortiva se constituem como um avanço nos direitos femininos, tendo em vista que ao se constatar má formação do feto, problemas de saúde para a parturiente ou quando a gestação for resultante de violência sexual, as mulheres têm direito ao aborto em uma unidade hospitalar do SUS. Os autores defendem, também, que o princípio de laicidade, conferido pelo Estado, nem sempre é cumprido, ampliando ainda mais as controvérsias que circundam a temática, conforme se pode comprovar na postagem abaixo:

Figura 01: Aborto: assunto de mulher?



Fonte: página do *instagram* “Quebrando o tabu”.

⁷ O artigo “Estatuto do Nascituro: implicações nos direitos femininos à luz da Análise Crítica do Discurso”, de autoria de Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira e de Antonio Carlos Meira de Brito, está disponível em http://www.filologia.org.br/xxiii_cnlf/completo/estatuto_GUIANEZZA.pdf. Nele, é feita uma projeção sobre o retrocesso dos direitos femininos caso o Estatuto do Nascituro seja aprovado e sancionado.

Na postagem em análise, é evidenciado o discurso de uma mulher que compreende as questões de gênero (BUTLER, 2010), uma vez que elucida o comportamento de alguns homens depois de uma relação sexual. Expressões como “transam”, “ejacula” e “abriu as pernas” me permitem inferir que a enunciadora discute sobre sexo de forma espontânea, fazendo uso, claramente, de um discurso que indica **mudança social**. Este, por sua vez, obteve a aceitação de inúmeros seguidores, tendo em vista ter atingido mais de 300 mil curtidas e inúmeros comentários, dentro os quais um merece destaque: “Lembrando que muitas mulheres jovens engravidam por não ter tido acesso a educação sexual ou por simplesmente não entenderem de fato o peso de uma gravidez”. Nesse comentário – de uma seguidora da página –, é ressaltada a importância da Educação Sexual na vida das adolescentes, haja vista tal orientação propiciar o conhecimento sobre métodos contraceptivos e, por conseguinte, a realização do planejamento familiar. Acerca disso, é basilar frisar que o número de gravidez precoce, no Brasil, aumentou de forma assustadora. Em virtude disso, foi sancionada a lei que institui a **Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência**, cuja realização dar-se-á na semana que inclui o dia 1º de fevereiro, com o “objetivo de disseminar informações sobre medidas preventivas e educativas que contribuam para a redução da incidência da gravidez na adolescência”⁸.

Por fim, é pertinente mencionar que o discurso em análise, mesmo sendo sucinto, faz alusão ao patriarcado, ao Estado e à Igreja, endossando, portanto, o motivo de tantas mulheres virem a óbito, após um aborto clandestino, muitas vezes sozinhas, sem apoio, inclusive, do parceiro. Isso é retratado na série *Sex Education*, quando a personagem Maeve, uma jovem de 17 anos, engravida do namorado e procura uma clínica para realizar um aborto. De forma impactante, a cena perpassa a ideia de que optar pelo aborto é uma decisão muito difícil na vida das mulheres e que o ato deixa marcas profundas. Isso pode ser depreendido quando a série da *Netflix* centra foco em um cartaz, afixado na porta da clínica, com os discursos “eu já fui um feto” “parem de matar nossas crianças”, como também no diálogo que Maeve estabelece com outra mulher,

⁸ Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/janeiro/sancionada-lei-que-institui-semana-nacional-de-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia>. Acesso em 05.04.2020.

quando esta afirma que “é melhor não ser mãe, do que ser uma mãe ruim”.

3.2. Relações homoafetivas: preconceitos, humilhações e medo

A segunda temática para compor o *corpus* deste trabalho, provavelmente, é a mais polêmica, por quebrar paradigmas tradicionais e conservadores sobre os relacionamentos na atualidade. Judith Butler, em 2010, difundiu a ideia de que sexo é uma questão biológica; ao passo que gênero é uma construção social. Essa teoria, conhecida como teoria de gênero, implicou, diretamente, nas relações homoafetivas, visto que a sexualidade do indivíduo passou a ser discutida nas práticas sociais contemporâneas. Como a etimologia da palavra já prediz, homoafetividade diz respeito a um relacionamento envolvendo pessoas do mesmo sexo – masculino ou feminino – e, por mais que não seja algo novo em nossa sociedade, a forma como alguns meios de comunicação discutem a temática desencadeou profundas mudanças sociais.

Assim, conforme já mencionado anteriormente, devido ao conservadorismo social e aos preceitos religiosos, relações entre pessoas do mesmo sexo têm sido alvo de muitas críticas e preconceitos, instituindo, portanto, o termo homofobia, que consiste em um medo patológico em relação à homossexualidade e aos homossexuais, geralmente demonstrado por meio de violência física e/ou verbal. Quanto às vítimas de homofobia, é importante enfatizar que estas expressam, cotidianamente, as humilhações e o medo que sentem diante dos julgamentos sociais, da pressão familiar e dos rótulos negativos gerados em meio a tantas tensões, obrigando-as, muitas vezes, a “continuar no armário”, mesmo que isso custe aquilo que se tem como o ideal de felicidade. Vejamos, na sequência, a postagem que representa essa temática.

Figura 02. Homofobia até quando?



Fonte: página do instagram “Quebrando o tabu”.

A postagem da página *Quebrando o tabu* retrata um diálogo pelo aplicativo Whatsapp, supostamente, entre duas mulheres. A pessoa que inicia o diálogo faz uma espécie de alerta para uma mãe, avisando-a que a filha está namorando uma menina e, para finalizar a conversa, faz uso do seguinte discurso “Você como mãe deve impedir essa pouca vergonha”. De forma surpreendente, a mãe responde que “pouca vergonha é fazer fofoca da vida alheia” e endossa que fica feliz que a filha esteja namorando uma menina, pois é “melhor beijar na boca do que passar o dia e a noite vigiando a vida alheia”. Para encerrar o diálogo, diz: “Que Deus te cure da doença da homofobia”.

Nessa conjuntura, observando os discursos à luz da Análise Crítica do Discurso, é perceptível que há uma linha fronteira entre **tradição** e **mudança social**, visto que a primeira pessoa se porta de forma homofóbica e a outra defende o direito de escolha, da livre sexualidade, conungando, portanto, com o princípio da felicidade e do bem-estar, independentemente das convenções sociais. A postagem em análise teve mais de 270 mil curtidas e muitos comentários que indicam concordância em relação à postura da mãe, cujo discurso visa o combate à homofobia.

Paralelo a isso, entendo que a série *Sex Education* aborda a temática em pauta com dubiedade. De um lado, temos a personagem Eric, jovem negro, cujos pais são cristãos. No dia do seu aniversário, Eric revolve sair vestido com trajes femininos e maquiagem extravagante, provocando um desfecho comum no Brasil: agressões físicas e xingamentos. Do outro lado, tem-se a personagem Adam Groff, filho do diretor – ultraconservador – da escola e protegido pela mãe. Na trama, Adam persegue Eric, submetendo-o a práticas vexatórias e degradantes. Todavia, no fim da segunda temporada, Adam se envolve amorosamente com Eric, suscitando a ideia de que, em algumas circunstâncias, a homofobia pode ser fruto de uma crise existencial e do medo de assumir a homossexualidade. Em suma, a série em análise contempla duas vertentes bem características: a homofobia velada, que muitas vezes esconde a verdadeira face do indivíduo, e a homofobia transparente, que dissemina o ódio e perpetua discursos tradicionalistas.

3.3. Assédio sexual: cultura de estupro, vestes femininas e culpabilização da vítima

Outra temática que gera controvérsias e, por isso, é constantemente abordada na página *Quebrando o tabu* é o assédio sexual. Conceituado

por Hirata *et al.* (2009, p. 26, adaptado) como sendo uma “conduta de natureza sexual, quer seja de expressão física, verbal ou não-verbal, propostas ou impostas a pessoas contra sua vontade, principalmente em seu local de trabalho, que acarretam um ataque à sua dignidade”, o assédio sexual é entendido como uma relação de poder que, na maioria das vezes, os homens exercem sobre as mulheres.

Paralelo à citação, é conveniente acentuar que o assédio extrapolou o âmbito trabalhista, se expandindo para diversas esferas sociais, como bares, restaurantes, ônibus, metrô, festas, instituições de ensino, dentre muitas outras. Essa expansão implicou em uma questão que tem sido pauta recorrente nos estudos sobre o feminismo: a culpabilização da vítima. “Vestes mais curtas, sensuais e provocantes, consumo de bebida alcoólica, comportamentos julgados como permissivos e relacionamentos instáveis – nomeados como “ficar” – são alguns elementos que implicam nesse processo de associar a vítima como culpada pelos altos índices de assédio sexual na atualidade” (MEIRA; CUNHA, 2020, no prelo)⁹. Vejamos, assim, a postagem escolhida para discutir as questões relativas ao assédio sexual.

Figura 03: A culpa é da vítima?



Fonte: postagem na página “Quebrando o tabu”

Conforme já citado, a página *Quebrando o tabu* retrata, com certa constância, temáticas que geram discussões e divergências de opiniões.

⁹ O trabalho “Assédio sexual e a culpabilização da vítima nas postagens da página *Quebrando o tabu*: Sistema de Avaliatividade em cena” foi apresentado no I Encontro Nacional em Linguística Sistemico-Funcional, em Fortaleza-CE, no dia 07 de junho de 2019, pelas pesquisadoras Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva Meira e Danielle Brito da Cunha. O texto está no prelo.

Dentre elas, está o assédio sexual. Na postagem em análise é evidenciada, por meio de elementos imagéticos, a representação de uma passeata, de um movimento feminista, em que uma mulher segura um cartaz, com o discurso “o estupro veio antes da mini saia”. Há, ainda, no cartaz e no rosto da mulher, a reprodução, de uma das variações, do símbolo que emblema a luta do feminismo no mundo. Assim, a fusão dos recursos verbais e visuais, permite deduzir que a culpa nunca é da vítima, embora o tradicionalismo social sugira que determinados comportamentos impliquem na prática do assédio e, por conseguinte, na violência sexual. A postagem obteve mais de 300 mil curtidas e comentários que refletem indignação, como “Oq me deixa chocado são os comentários q dizem q a vítima teve culpa. Veja bem, eu disse VÍTIMA”.

Ao se levar em consideração o arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso, é compreensível que, por meio de um discurso velado, o cartaz indica que há **relação de poder** dos homens sobre as mulheres, uma vez que a estas foi condicionado um lugar secundário na sociedade, restando, infelizmente, a **tradição** de culpabilização das vítimas pelos altos índices de assédio sexual. Nesse sentido, determinadas posturas, como o uso de roupas decotadas, transparentes, justas e curtas; o consumo de bebida alcoólica e o linguajar mais libertino são algumas das justificativas torpes, dadas pelos homens, em virtude do mau comportamento.

Quanto à série *Sex Education*, destaco a cena em que a personagem Aimee é vítima de assédio e de importunação sexual¹⁰ no ônibus escolar. Convencida por Maeve a denunciar o caso, a jovem passa por um período de trauma, que impulsionou na dificuldade para usar o transporte público, por um tempo, e para ter momentos de intimidade com o namorado. Assemelhando-se à realidade, os discursos que representam o desenrolar dos fatos, consente a análise de que o trauma, o medo e a vergonha são comumente relatados em ocorrências de assédio, resultando na necessidade de um acompanhamento psíquico, além de apoio dos familiares e amigos.

¹⁰ Caracterizado pela realização de ato libidinoso na presença de alguém de forma não consensual, com o objetivo de “satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro”. O caso mais comum é o assédio sofrido por mulheres em meios de transporte coletivo, mas também enquadra ações como beijos forçados e passar a mão no corpo alheio sem permissão. O infrator pode ser punido com prisão de um a cinco anos. Disponível em <https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-o-que-e-o-crime-de-importunacao-sexual/>. Acesso em 05.04.2020.

4. Considerações finais

As polêmicas e as divergências de opiniões sobre a Educação Sexual permeiam as práticas sociais hodiernas e estão longe de findar. Isso porque, mesmo sendo essencial, ainda é considerada um tabu social, principalmente quando estes se voltam para questões relativas ao feminismo, como o orgasmo, a masturbação e o uso de métodos contraceptivos. Dessa forma, mediante o objetivo proposto, é válido destacar que a página do *Instagram Quebrando o tabu* e a série da *Netflix Sex Education* evidenciam a imprescindibilidade de romper a dominação masculina e a ideia limitante que algumas mulheres eram/são condicionadas.

Como já apontado, entendo que questões como o aborto, a orientação sexual e o assédio são reincidentes nas mídias supracitadas, dadas a urgência de esclarecimentos para adolescentes e jovens que estão vivenciando as transformações físicas, hormonais e comportamentais, características da puberdade. Ademais, é de extrema importância frisar que a análise dos discursos, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, me conduz à percepção de que há um conflito entre as tradições e as mudanças sociais, tendo em vista a transformação identitária dos sujeitos e as múltiplas ideologias presentes nas mais variadas esferas da sociedade.

Reitero, também, que a Família deve assumir a função macro na Educação Sexual de meninos e de meninas, usando sempre uma linguagem clara, sem metáforas – como a da cegonha e tantas outras que foram disseminadas nas últimas décadas –, deixando evidente que os adolescentes e jovens têm espaço para tirar as dúvidas e demarcar opiniões. Paralelo a isso, creio que a Escola tem um papel complementar nesse processo de orientação, uma vez que a BNCC determina que assuntos relativos ao aparelho reprodutor e à sexualidade sejam contemplados. Para que a educação seja feita de forma segura e eficaz, é primordial que o professor esteja preparado, evitando constrangimentos e incoerências no processo de ensino e aprendizagem. Ademais, as Mídias – televisivas e digitais – devem assumir um papel coadjuvante no acesso à informação, sendo preferível que os conteúdos contemplem a vertente do entretenimento.

Por fim, enxergo que outras temáticas devam ser contempladas em trabalhos vindouros, como o prazer feminino, a pornografia de vingança, as relações de amizade no âmbito escolar, a gravidez precoce, a primeira relação sexual, dentre muitas outras que são abordadas na página *Quebrando o tabu* e na série *Sex Education*. Além disso, espero que

este artigo auxilie, de fato, na reflexão sobre a importância de uma Educação Sexual pautada na seriedade e na ética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOIT, Guy. *El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Madrid: Siglo, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

DIJK, Teun van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

MEIRA, Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva. *Mudanças discursivas e sociais (ou vice-versa?)*: Estudo crítico da constituição identitária feminina nas cartas do leitor da revista *Claudia*. 2012. 110 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012.

MEIRA, Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva. *Permanências e rupturas nos discursos femininos: estudo crítico na Fanpage Claudia Online*. 2016. 180 f. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016.

HIRATA, Helena *et al.* (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Trad. de Pedro Jorgensen Jr.; 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: *Revista Linguagem em (Dis)curso*, V. 4, n. especial, 2004.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/ciencias-no-ensino-fundamental-anos-finais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>

<https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-o-que-e-o-crime-de-importunacao-sexual>

http://www.filologia.org.br/xxiii_cnlf/completo/estatuto_GUIANEZZA.pdf

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/janeiro/sancionada-lei-que-institui-semana-nacional-de-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia>

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/pagina-inicial>